

Aula fora da sala

A exposição *Einstein*, sobre a vida e a obra do maior físico de todos os tempos, percorre o Brasil desde 2008, quando estreou no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Sua parada mais recente foi em Vitória, Espírito Santo, onde atraiu quase 80 mil visitantes, a maioria deles estudantes do Ensino Fundamental. Em mais de uma cidade, essa mostra teve prorrogação. O motivo: grande procura por parte do público. Exposições do mesmo naipe - *Darwin*, *Revolução Genômica* e, agora, *Água na Oca*, também no Parque Ibirapuera - têm despertado o interesse tanto da imprensa quanto de estudantes e curiosos em geral. Mas o que isso significa, afinal de contas? É possível arriscar algumas respostas. A primeira delas, e também a mais simples: há carência de grandes exposições científicas no Brasil. Há muitas feiras e mostras de pequeno porte, despretensiosas, geralmente modestas, ainda que relevantes. No entanto, não é todo dia que se realizam exposições de vulto, com recursos tecnológicos avançados, curadoria nacional e internacional, além de farto material fotográfico, tudo isso com entrada gratuita ou a preços subsidiados.

Outra resposta remete a outro tipo de carência, essa mais complexa. Trata-se da limitada atividade de extensão nos níveis fundamental e médio do ensino. Em outras palavras, oferecem-se poucas alternativas para ensinar e aprender fora das salas de aula. Museus, galerias, parques, jardins, teatros, planetários e exposições temporárias são espaços educativos tão importantes quanto as salas de aula. No entanto, em numerosas cidades do país, encontram-se relegados a um segundo plano, quando não completamente sucateados ou subaproveitados. Professores e estudantes sentem falta de espaços públicos onde possam observar, ouvir e debater fenômenos que, dentro da escola, parecem distantes da realidade cotidiana, pois ali lhes faltam recursos, como cinema 3D, jogos interativos, painéis, entre outros instrumentos de ensino e aprendizagem que reúnem teoria e experiência, aprendizado e diversão.

Governantes e empresários, principalmente, são imprescindíveis para a promoção e o patrocínio de atividades educativas extraclasse. Via de regra, a educação aparece sempre nos discursos e programas como algo exclusivamente vinculado ao espaço físico da escola, quando, na verdade, o transcende. O êxito de exposições como *Einstein* é nada mais que o resultado de uma visão mais abrangente de educação associada à vontade política. É prova, também, de que a parceria entre a iniciativa privada e o poder público pode funcionar em benefício da maioria. O melhor de tudo, porém, é verificar que a extensão escolar é tanto uma necessidade quanto um desejo de professores e estudantes. ■



Ben Sangari

Físico, presidente da Sangari Brasil e do Instituto Sangari
www.sangari.com